

Brodersohn explica missão ao Brasil

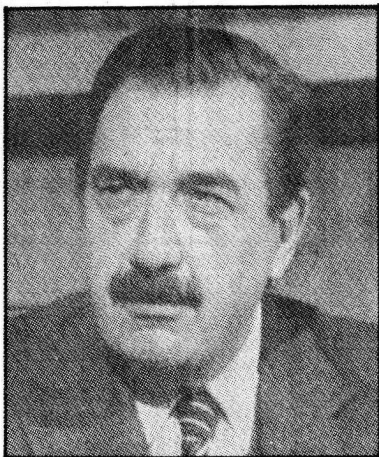
MÔNICA YANAKIEW

BUENOS AIRES — Anteontem — seis dias depois de ter viajado repentinamente para Brasília, a pedido do Presidente Raúl Alfonsín — o Secretário de Fazenda da Argentina, Mario Brodersohn, manteve uma reunião, a portas fechadas, com o grupo de políticos da União Cívica Radical (UCR) mais ligado ao Governo. Para essa restrita platéia, ele mostrou os números que recolheu junto ao Ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira e ao Presidente José Sarney.

— Ele nos disse que a situação do Brasil é catastrófica. E nos convenceu de que a Argentina, apesar de não estar bem de vida, só teria a perder se repetisse a experiência brasileira, ainda mais agora que o Brasil voltou a negociar com seus credores, em termos bem menos favoráveis que os outros grandes devedores — disse ao GLOBO um dos participantes da reunião.

Os argumentos de Brodersohn foram os seguintes: os juros que o Brasil deixou de pagar desde fevereiro, por causa da moratória, somaram-se à dívida, que agora é mais alta. É óbvio que, quanto maior o capital da dívida, maiores serão os juros.

A Argentina também aumentou sua dívida ao optar pela negociação com o FMI. Para honrar seus compromissos, o país teve que pedir novos empréstimos, já que não tinha dinheiro para pagar US\$ 4,5 bilhões anuais de juros. Os empréstimos também foram somados ao capital da dívida mas, em compensação, graças à sua política moderada o governo argentino conseguiu negociar a redução do **spread** (taxa de risco) a 0,8% sobre a **libor**. Já o Brasil, não só não pode baixar seu **spread**, de



Presidente Raul Alfonsín

2% sobre a **libor** e a **prime-rate**, como também teve que pedir dinheiro emprestado aos credores.

Apesar da segurança demonstrada por Brodersohn na sua minuciosa exposição, a moratória da dívida argentina de US\$ 54 bilhões chegou a ser cogitada, não pela equipe econômica, mas pelo próprio Alfonsín e pelos políticos de seu partido.

— O Presidente em um de seus discursos já queria preparar o povo para uma moratória e só mudou de idéia porque, de última hora, a equipe econômica garantiu que a Argentina receberia novos empréstimos — disse ao GLOBO o Deputado Frederico Storani, que também participou do encontro com Brodersohn.

A moratória só foi totalmente descartada pelo governo argentino na sexta-feira passada, dois dias depois da visita de Brodersohn a Brasília. Nesse dia, o Tesouro americano anunciou que liberaria um empréstimo-ponte (empréstimo de emergência que será devolvido até o dia 31 de dezembro) de US\$ 500 milhões.

Ontem, Brodersohn viajou novamente, desta vez para Washington.